

Ancestralidade e produção de conhecimentos afro-brasileiros, no CEJAP, de Gongogi/BA

551



**Eudes Batista
Siqueira¹**

<https://orcid.org/0000-0003-0609-3618>

Carlos Alberto

Machado Noronha²

<https://orcid.org/0000-0002-0275-5947>

Marise de Santana³

<https://orcid.org/0000-0001-9367-3092>

**Ancestry and
production of
Afro-Brazilian
knowledge, at
CEJAP, in
Gongogi/BA**

Resumo

Este artigo traz como objetivo investigar a participação de mobilizadores de culturas negras na produção do conhecimento afro-brasileiro, abordando vivências de estudantes e egressos do Colégio Estadual José Araújo Pereira (CEJAP), que desenvolvem tais projetos no município de Gongogi/BA. Fundada no método etnográfico, o estudo aponta a necessidade de ações voltadas para os estudos de ancestralidade e produção de conhecimentos afro-brasileiros no contexto de culturas locais como produção de conhecimento escolar, através da elaboração de projetos interdisciplinares, em parceria com grupos de matrizes africanas, movimentos sociais e comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Conhecimento afro-brasileiro; Epistemologias; Movimento negro; Conhecimento escolar.

Abstract

This article aims to investigate the participation of mobilizers of black cultures in the production of Afro-Brazilian knowledge, addressing the experiences of students and graduates of Colégio Estadual José Araújo Pereira (CEJAP), who develop such projects in the municipality of Gongogi-BA. Based on the ethnographic method, the study points to the need for actions aimed at studies of ancestry and the production of Afro-Brazilian knowledge in the context of local cultures such as the production of school knowledge, through the elaboration of interdisciplinary projects, in partnership with groups of African matrices, social movements and academic community.

Keywords: Afro-Brazilian knowledge; Epistemology; Black movement; School knowledge.

Introdução

O presente artigo é resultado de uma pesquisa vinculada ao Curso de Especialização em Educação Científica e Cidadania, do Instituto Federal de Educação Baiano – IF-Baiano, campus Uruçuca.

A pesquisa traz como objetivo investigar a participação de mobilizadores de culturas negras na produção do conhecimento afro-brasileiro, a tomar como ponto de partida os projetos desenvolvidos por estudantes e egressos do Colégio Estadual José Araújo Pereira (CEJAP), na cidade de Gongogi-BA, sejam estes projetos realizados na própria escola ou nos movimentos sociais e atividades culturais em que os estudantes e egressos se inserem.

O Colégio Estadual José Araújo Pereira (CEJAP) foi criado através da Portaria Estadual nº 2466/86, de 25 de fevereiro de 1986, mas o estabelecimento já funcionava como colégio particular desde 1968 com o nome Colégio Cenecista. Atualmente é uma escola de Ensino Médio Integral e EJA, que atende a uma média de 300 estudantes da comunidade local e do povoado de Nova Palma (Anexo do CEJAP). Gongogi é um município localizado no sul do Estado da Bahia, a 396 km da capital Salvador, e faz fronteiras com as cidades de Aurelino Leal, U baitaba, Ubatã, Barra do Rocha e Itagibá, tendo como referência geográfica as microrregiões de Jequié e Ilhéus/Itabuna.

Ao identificar que os estudantes e egressos mobilizam conhecimentos no campo da atuação política, cultural e identitária, dentro das ações realizadas, a pesquisa toma como referência Marise de Santana (2013; 2014) e Nilma Lino Gomes (2011; 2012; 2017), com a abordagem de algumas categorias: relações étnicas, raça, cultura, identidade, negro, legados africanos, mestiçagem. Sobre a atuação dos estudantes e egressos nos projetos, a pesquisa se baseia, entre outros referenciais, em Antônio Carlos Gomes da Costa (2001) e Jeferson Ildefonso da Silva (2008).

Os resultados desse estudo indicam que, no contexto local investigado, a atuação destes estudantes e egressos se destaca como condição fundamental para a produção do conhecimento afro-brasileiro, por mediar intersecções com os temas: ciberativismo, capoeira, samba, maquiagens negras, estéticas corporais, empoderamento feminino, mulheres pretas, ancestralidades negras e indígenas,

dentre tantas outras formas de atuação.

A entrada no campo: aspectos metodológicos

A construção metodológica deste estudo se baseou no método etnográfico, fundado em James Clifford (1998) e no emprego de diferentes tipos de instrumentos, a partir da observação participante. A observação participante, conforme o autor, “serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado captando sentidos de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos” (CLIFFORD, 1998, p. 33). Ainda de acordo com o autor,

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. (CLIFFORD, 1998, p. 53)

A primeira etapa da metodologia se refere à coleta de dados, que ocorreu em dois momentos: a) Observação Participante (acompanhada de diário de campo e máquina fotográfica, para registro de atividades desenvolvidas nos projetos realizados); b) Entrevistas temáticas, aplicadas individualmente. As entrevistas temáticas são utilizadas como técnicas, podendo se aliar às entrevistas de história de vida. As entrevistas temáticas “são aquelas que versam prioritariamente a participação do entrevistado com o tema escolhido” (ALBERTI, 1990, p. 37-38). Já as entrevistas de história de vida “tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, [...] passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou” (ALBERTI, 1990, p. 37-38).

A definição do primeiro grupo de colaboradores/as ocorreu de acordo com o seguinte critério de amostragem: estudantes e egressos do Colégio Estadual José Araújo Pereira (CEJAP), que desenvolvem projetos de culturas negras no município de Gongogi/BA. A partir desse critério, contamos com a participação de duas estudantes, Letícia Mota e Cristina Souza da Silva, e de quatro egressos, José Jorge Souza (além de egresso, ele também já integrou o quadro de docentes do CEJAP), Moabe Souza, Beatriz Moura e Tito Ribeiro dos Santos Filho.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível identificar a

participação dos colaboradores nos seguintes projetos: CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi, promovido pelo CEJAP; Batizado de capoeira, promovido pelo grupo de Capoeira Nascente do Sol; Além dos Olhos Negros, promovido pela Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa (ACAPEB); e o Grêmio Estudantil, promovido pelos estudantes do CEJAP.

Neste segundo momento, também foram realizadas entrevistas com professores/as da escola, que participaram do Projeto CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi, a fim de compreender quais ações efetivamente podem contribuir para o estudo de ancestralidade e produção do conhecimento afro-brasileiro na escola pesquisada, com enfoque na contextualização de culturas locais. A amostragem foi baseada na escolha de, no mínimo, um professor por área do conhecimento, que tenha desenvolvido atividades de pesquisa no Projeto CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi, considerando como critério o aceite do convite para participar da pesquisa. Nesta fase, contamos com a participação do professor Manoelito Paiva Faneca¹, da área de Ciências Humanas; da professora Mara Regina Santos Travieso², da área de Linguagens; e do professor Mardson Vasconcelos Maciel³, da área de Ciências da Natureza/Matemática.

Na segunda etapa foi realizada a análise de dados, a partir das contribuições de John Thompson (1995) sobre as três fases do enfoque da Hermenêutica de Profundidade (HP), descritas como análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. O processo de interpretação é simultaneamente um processo de reinterpretação, pois “as formas simbólicas que são o objeto de interpretação são parte de um campo pré-interpretado, elas já são

¹ Manoelito Paiva Faneca, 63 anos de idade na data da realização da pesquisa, é professor efetivo no Colégio Estadual José Araújo Pereira (CEJAP), Gongogi/BA, há mais de 30 anos; é graduado em Pedagogia e pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos; é participante do Sistema de Educação do município e presidente do Conselho Municipal de Educação de Gongogi – CME.

² Mara Regina Santos Travieso nasceu na cidade de Machacalis-MG, formou em Magistério no ano de 1999. Veio morar no município de Gongogi no ano de 2001. É formada em Letras pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) em 2009, com Pós-graduação em Leitura e Produção Textual pela UNIME, com Especialização em Mídias na Educação, pela UESB e com Especialização em Antropologia e Cultura Afro-brasileira, pela UESB. É Professora efetiva da rede estadual de educação do Estado da Bahia, no Colégio Estadual José Araújo Pereira (CEJAP).

³ Mardson Vasconcelos Maciel é graduado em Química, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Mestre em Química Analítica, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É professor efetivo do Colégio Estadual José Araújo Pereira (CEJAP), empossado em 2012; coordena a área de Ciências da Natureza/Matemática no CEJAP; e participa do Projeto Mais Educação, coordenando a disciplina de Ciências na rede municipal de Gongogi/BA.

interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico” (THOMPSON, 1995, p. 376). Embasado nessas referências, o texto apresenta reflexões sobre os resultados obtidos na investigação, de modo que o processo reinterpretaivo ocorre dinamicamente durante todo o trabalho.

A produção do conhecimento afro-brasileiro e suas epistemologias

Com base na antropologia da população afro-brasileira, Santana (2014, p. 66) afirma que “a palavra afro-brasileiro” compartilha dos saberes, do pensamento africano, estruturado pelo princípio da ancestralidade, numa dinâmica de movimento que une passado e presente”. De acordo com a autora, os saberes e fazeres que estruturam a construção do conhecimento afro-brasileiro se ancoram nos seguintes pressupostos: educação étnica baseada em valores ancestrais africanos, situada na relação que une presente/passado; educação pela oralidade, que toma como uma de suas dimensões a palavra; e o terceiro pressuposto ancora-se na ligação entre os dois primeiros, “por fornecerem os subsídios para pensar uma educação cuja palavra enuncia imagens e rituais didáticos, referenciados por uma educação simbólica, em que se une teoria e prática, racional e sensível” (SANTANA, 2014, p. 62).

Esses conhecimentos estão fundamentados em epistemologias de raças, etnicidades e culturas que emergem em um campo comum: nas formas culturais resultantes da convivência das populações afro-brasileiras. Como aborda Oliveira (2012),

O que entendemos por forma cultural não é, obviamente, o conteúdo de um discurso ou narrativa, tampouco suas regras de sintaxe ou de semântica. Forma cultural, aqui, diz respeito ao escopo cultural presente em qualquer narrativa e espaço passível de lhe dar as condições de produção de seu sentido territorializado. É o contexto investido de sentido. (OLIVEIRA, 2012, p. 34).

Assim, é também no contexto cultural que se efetiva a luta em favor de condições de produção do conhecimento afro-brasileiro como produção de conhecimento escolar, tornando-se necessário aprofundar investigações sobre as formas como esses saberes são referenciados pelas ancestralidades dos sujeitos na diversidade de movimentos em que estão inseridos, inclusive a escola. A ancestralidade nos remete aos sentidos profundos da vida. Como diz Vilson Caetano

de Sousa Junior (2011),

Ela remete ao início de um determinado grupo, não a qualquer início, mas aos primórdios, instante de fundamento, tempo mítico imemorial, perdido no tempo cronológico, revivido no rito que cria todos os tempos, nos conduzindo a fazer uma experiência de um momento tão humano que só poderia ser divino. (SOUSA JUNIOR, 2011, p.46).

De acordo com Mário Bunge (1980), Marivalde Moacir Francelin (2005, 2018), Hilton Japiassu (1988) e Gelson João Tesser (1995), a epistemologia é compreendida de modo amplo como teoria da ciência, discurso sobre a ciência, filosofia da ciência, por estudar a investigação científica e seu produto: o conhecimento científico. Conforme Hilton Japiassu (1986, p. 11), a epistemologia se preocupa com “as relações da ciência com a sociedade que a produz, interferindo tanto em sua organização interna quanto em suas aplicações”. Ainda de acordo com o autor, a epistemologia examina as condições reais de produção dos conhecimentos científicos e fundamenta-se nesses conhecimentos relacionados à ciência.

Ao se referir a Boaventura de Sousa Santos (2009), Nilma Lino Gomes (2012, p. 735) aborda a epistemologia como toda noção ou ideia refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido, reconhecendo que “é por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional ou inteligível”. Gomes (2012) lembra que não existe conhecimento sem práticas e atores sociais. As práticas e atores sociais coexistem no interior das relações sociais, originando diferentes tipos de epistemologias. Conforme a autora, “qualquer conhecimento válido é sempre contextual, tanto em termos de diferença cultural quanto em termos de diferença política” (GOMES, 2012, p. 735).

Gomes (2012) informa que as experiências sociais vivenciadas pelos movimentos negros podem ser reconhecidas como conhecimentos válidos, ou seja, como outras epistemologias. Boaventura de Sousa Santos afirma que

uma das valências mais preciosas dos movimentos sociais e suas lutas é o de transformar o próprio conhecimento convencional construído a respeito deles. Isso é possível porque os movimentos têm um valor epistemológico intrínseco, são produtores de um tipo específico de conhecimento, o conhecimento nascido na luta. (SANTOS, 2017, p. 9)

Para Gomes (2017, p. 14), o Movimento Negro é um movimento “produtor de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil. Saberes transformados em reivindicações, das quais várias se tornaram políticas de Estado nas primeiras décadas do século XXI”. Embora não trate especificamente da análise da palavra afro-brasileiro, a autora traz importantes contribuições acerca desse tema:

Ao ressignificar e politizar a raça, compreendida como construção social, o movimento negro reeduca e emancipa a sociedade e a si próprio, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a Diáspora africana. (GOMES, 2012, p. 741).

A autora destaca a trajetória⁴ das negras e negros desde o período colonial até ganharem maior visibilidade a partir dos anos 2000, perpassando por três tipos de saberes que estão “interligados de maneira dinâmica, apesar de suas especificidades” (GOMES, 2017, p. 77): os saberes identitários, os saberes políticos e os saberes estético-corpóreos.

No contexto local investigado, a produção do conhecimento afro-brasileiro se apresenta nas atuações de vários atores sociais, mediadas por projetos que lidam com as plataformas e redes sociais digitais, capoeira, samba, maquiagens negras, estéticas corporais, empoderamento feminino, mulheres pretas, ancestralidades negras e indígenas, dentre tantas outras formas de atuação.

A produção do conhecimento afro-brasileiro na cidade de Gongogi/BA

Este trabalho se inicia com a proposta de investigar a ancestralidade e a produção do conhecimento afro-brasileiro em Gongogi, a partir da realização de projetos de culturas negras. Como ponto de partida, foi tomado o Projeto CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi/BA, projeto interdisciplinar realizado pelo CEJAP no ano de 2019, no qual se observou que a história de vida e atuação social dos sujeitos que participaram do projeto trouxeram contribuições em vários campos de conhecimentos, especialmente em temas relacionados à educação e culturas

⁴ Sobre a trajetória do Movimento negro e suas contribuições para a Educação, ver também: Gonçalves e Silva(2000); Silva (2007).

afro-brasileiras, ancestralidades, movimentos negros, dentre outros.

O Projeto CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi⁵ foi promovido em comemoração dos 57 anos de emancipação política do município de Gongogi/BA, tendo como objetivo estudar a história de Gongogi com foco no patrimônio histórico-cultural do município. Suas ações foram organizadas de modo interdisciplinar, contemplando temas de todos os componentes curriculares ofertados na escola, em consonância com os Projetos Estruturantes, disponível em Bahia (2015), Projeto Transformaê, disponível em Bahia (2019) e o Projeto Feira Escolar, disponível em Bahia (2019), ambos da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

O projeto teve como eixo a integração escola e comunidade, através da valorização de saberes de artistas, profissionais e mobilizadores sociais da comunidade local. Na culminância foram realizadas oficinas, mesas redondas, palestras e apresentações artísticas, com a participação de estudantes e convidados⁶ da comunidade, que realizam trabalhos de capoeira, beleza negra, ciberativismo, dentre outros.

Na culminância do projeto, Moabe Souza falou das suas experiências no teatro O Grito e na Biblioteca Herbert José de Souza, projetos reconhecidamente valorosos na comunidade, que são realizados pela Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa (ACAPEB). José Jorge Souza, educador popular, cofundador da ACAPEB, conhecido como Jorge da ACAPEB, fez distribuição de livros e pontuou diversos temas para o fortalecimento da educação e das artes no município de Gongogi. Tito Ribeiro dos Santos Filho, o popular professor Tito da Capoeira, se concentrou na abordagem da capoeira como base de resistência dos povos negros. Beatriz Moura, conhecida nas redes sociais digitais como Bia, narrou a motivação do seu trabalho com maquiagem negra e suas ações

⁵ Integram o quadro de professores da escola nos anos letivos de 2019 e 2020, na área de Ciências da Natureza: Flávio Santos Bulhões; Antonio Luís Araújo Neto, Cássio Ribeiro de Souza, Mardson Vasconcelos Maciel; na área de Linguagens: Tássia Pereira Alves, Elinaldo Silva dos Santos, Mara Regina Santos Travieso, Monique Maciel de Matos Andrade; na área de Ciências Humanas: Fábio Santos Souza, Luciene Rosa dos Santos Carvalho, Manoelito Paiva Faneca; na área de Matemática: Marlon Silva do Nascimento; Raphael Almeida Nascimento.

⁶ Na oportunidade, contamos com a participação de artistas, produtores culturais e outros profissionais da comunidade local, dentre eles: Negro Gêneses, Giorgio Bonifácio, Hélio Siqueira, Luana Vasconcelos, Viny Dias, Thiago Love, Isaac Ismael, Wesley Alves Barbosa, David Reis, Cristina Silva, Letícia Mota, Jorge da ACAPEB, Moabe Souza, Beatriz Moura e professor Tito da Capoeira.

como *digital influencer*. Cristina Souza da Silva, estudante do último ano da EJA no CEJAP em 2019, relatou a sua atuação no Quilombo Tribo Zumbi, projeto protagonizado por jovens e adolescentes que promoveram atividades de danças e músicas afro entre os anos de 2001 e 2011. Letícia Mota, estudante do segundo ano do Ensino Médio em 2019, relatou a sua participação no Grêmio Estudantil, projeto que organiza juntamente com outros jovens do CEJAP.

Durante as observações participantes e entrevistas temáticas, realizadas após a culminância do Projeto CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi, os colaboradores narraram histórias, trajetórias e experiências no desenvolvimento de projetos de culturas negras no município de Gongogi, com contribuições em vários campos de conhecimentos, especialmente em temas relacionados à educação e culturas afro-brasileiras, ancestralidades, movimentos negros, dentre outros.

Conforme José Jorge Souza (2020, informação verbal), no final da década de 90 do século XX, foram realizados os primeiros seminários de Consciência Negra no município de Gongogi/BA pela Pastoral da Juventude (PJ) e pela Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa (ACAPEB). Jorge da ACAPEB explica que

Em 1999 acontece o primeiro seminário de Consciência Negra. Em 2000 tem a ousadia de usar os terreiros de candomblé para fazer os seminários. Em 2001 e 2002, a partir daí a gente foi fazendo isso como projeto, (...) para começar mostrar para a sociedade que nós temos uma identidade, que seria mais um projeto de empoderamento negro. (SOUZA, 2020, informação verbal)⁷

Ao efetivar “um projeto de empoderamento negro” na cidade de Gongogi/BA, Jorge da ACAPEB destaca que os seminários foram realizados em terreiros como um ato de ousadia, de modo a conceber os terreiros como lugares onde se preservam e se constroem conhecimentos. Jorge da ACAPEB afirma ainda que “em 2001 é criado um grupo específico somente para discutir as causas negras, fazer as cantorias negras, danças negras, que foi o Quilombo Tribo Zumbi”.

O Quilombo Tribo Zumbi⁸ teve como objetivo promover atividades artísticas

⁷ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo cofundador, ex-diretor geral e membro da ACAPEB, Jose Jorge de Souza, em 12 de abril de 2020.

⁸ O Grupo Afro Quilombo Tribo Zumbi participava também de eventos em parceria com a juventude camponesa do Movimento de Acampados, Assentados e Quilombolas da Bahia – Movimento CETA, fazendo apresentações nos centros urbanos e comunidades camponesas (quilombos,

de música e dança afro, bem como a valorização de manifestações culturais negras da comunidade, a exemplo do samba comum, da capoeira e do bumba-meu-boi. O surgimento do grupo ocorreu em 2001, organizado por Eudes Batista Siqueira, integrante da ACAPEB, e foi motivado pelo desejo de jovens e adolescentes que queriam cantar, tocar, dançar e fazer espetáculos artísticos, a partir de seus pertencimentos étnico-raciais. A primeira apresentação do grupo aconteceu no dia 11 de junho de 2011, no evento cultural FAZ Arte⁹, que reuniu artistas de diferentes gêneros e linguagens.

Cristina Souza da Silva, egressa do CEJAP da turma Eixo VII da EJA em 2019, hoje moradora do Assentamento Santa Irene¹⁰, traz o seguinte relato a respeito do dia em que iniciou sua participação no Quilombo Tribo Zumbi:

Desse dia para cá foi a maior felicidade na vida da gente, a gente já aprendeu a respeitar uns aos outros como era, como negro, aceitar a pele da gente, a origem da gente, como a gente era, não ter preconceito nem racismo nem com a gente mesmo e nem com os outros, então mudou o ponto de vista da gente”. (SILVA, 2020, informação verbal).¹¹

Respeitar uns aos outros e “não ter preconceito nem com a gente nem com os outros” são ações que corroboram o exercício duplo de combate ao racismo. Lidar com as discriminações raciais presentes nas fronteiras do eu e do outro envolve também a prática da expropriação subjetiva das negatividades construídas culturalmente pela própria sociedade em que está inserida.

Aceitar-se negro, reconhecer a origem e não ter discriminação com o outro são resultados de um trabalho que só se efetiva por meio da experiência e do exercício do conhecimento. Cristina conta que as atividades desenvolvidas no grupo motivavam a sua participação:

assentamentos, extrativistas, ribeirinhos etc.), em diferentes regiões do estado baiano.

⁹ Evento que contou com a colaboração de vários movimentos sociais do estado da Bahia (ACAPEB, PJ, CEB's, CIMI, Movimento CETA, MST, CEAS, Fórum de Luta por Terra, Trabalho e Cidadania, Diocese de Ilhéus, Diocese de Itabuna etc.). Teve como propósito a valorização, produção e exposição de expressões artístico- culturais, com a participação de artistas de diferentes gêneros e linguagens.

¹⁰ O Projeto de Assentamento Santa Irene é um assentamento de trabalhadores rurais sem-terra, com 81 famílias assentadas no município de Gongogi/BA, ligado ao Movimento de Assentados, Acampados, Extrativistas e Quilombolas (Movimento CETA). O P. A. Santa Irene foi desapropriado no ano de 2003 e se configura como um marco histórico do desenvolvimento sustentável da cidade de Gongogi.

¹¹ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pela integrante do Grupo Afro Quilombo Tribo Zumbi, Cristina Souza da Silva, em 13 de abril de 2020.

A gente pintava, tinha aula de artes, tinha dança, a gente fazia também pesquisa, tinha viagens pra fora, e também ajudava a gente na literatura, que aquilo ali incentivava a gente a ler, cada música que era impressa no papel, a gente se interessava a aprender. (...) Isso incentivou muito. Quem não sabia ler passou a se interessar pela leitura. Aproveitou e se interessou pela leitura porque cada palavra era um canto de vida no coração da gente. (SILVA, 2020, informação verbal)¹²

A ênfase na motivação do aprendizado pela palavra, conforme abordada por Cristina, alinha-se com as contribuições de Santana (2014) a respeito dos rituais didáticos, quando infere que a palavra movimenta as práticas e dá sentido aos aspectos vivenciados pelos sujeitos nos seus diversos contextos. Desse modo, as palavras enunciam ritos e “nossos gestos e ações do cotidiano são expressos por rituais” (SANTANA, 2014, p. 61). De acordo com a autora,

O processo didático, aqui entendendo didática, não é apenas do domínio da educação sistematizada, mas independente de onde esteja localizada, tem como objetivo pensar os processos que envolvem a relação ensino/aprendizagem fora e dentro da escola, por tanto, pegar uma panela, educar os filhos, conviver com outras pessoas envolve um determinado ritual didático. (SANTANA, 2014, p. 61-62)

Na elaboração dos espetáculos, o Quilombo Tribo Zumbi recorria a músicas com letras e ritmos afros, além de participar das manifestações locais, como o samba comum e a dança dos orixás. O samba comum é um tipo de festa que ocorre tradicionalmente depois que se reza a ladainha de santos católicos. É chamado de samba comum ou samba brasileiro como forma de diferenciação de outros tipos de músicas afro, como os que são tocados nos terreiros de candomblé e umbanda, onde a musicalidade assume aspectos ritualísticos primordialmente litúrgicos.

Atualmente os sambadores mais novos de Gongogi também costumam chamar essa prática de samba de roda, enquanto a palavra samba comum está sendo mais ouvida atualmente entre os mais velhos. Como se vê, as diferenças de sentido das palavras samba comum, samba brasileiro e samba de terreiro por si só já nos trazem a possibilidade de novos conhecimentos a respeito do samba.

Tito Ribeiro dos Santos Filho, o professor Tito da Capoeira, iniciou o grupo de capoeira em 2007, em Gongogi/BA e fundou a Associação Recreativa de

¹² Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pela integrante do Grupo Afro Quilombo Tribo Zumbi, Cristina Souza da Silva, em 13 de abril de 2020.

Capoeira Nascente do Sol no ano de 2014. O professor Tito relata que está “trabalhando em prol da comunidade, tirando a criançada das ruas, levando entretenimento a nossa comunidade, reeducando a nossa garotada, para que não venha amanhã ou depois se tornar um marginal” (SANTOS FILHO, 2020, informação verbal)¹³. Ao explicar de modo amplo como ocorrem as atividades de capoeira, o professor Tito informa que

A capoeira é um esporte genuinamente, culturalmente de nossa nação, de nosso Brasil, criado no século XVI, através do negro que inventou essa modalidade, essa arte. Fora da capoeira, existe ainda o maculelê, o jongo, a puxada de rede, que são elementos que acompanham a capoeira. (SANTOS FILHO, 2020, informação verbal).¹⁴

Mônica Guimarães Teixeira de Amaral e Valdenor Silva dos Santos (2015, p. 56) nos lembra que “a capoeira foi uma resposta marcante e duradoura dada pelo negro ao sistema escravagista, cruel e desumano, imposto pelo colonizador europeu”, configurando-se como “uma prática ancestral que se originou nas senzalas” (AMARAL; SANTOS, 2015, p. 56-57) , usando a astúcia como arma para enfrentar a força do opressor, “tornando-se uma das mais importantes manifestações da cultura de resistência do negro escravizado no Brasil Colonial” (AMARAL; SANTOS, 2015, p. 56-57). Como estratégia de sobrevivência, a capoeira “Das senzalas foi levada aos quilombos, dos quilombos aos centros urbanos, e os grandes focos de capoeiristas concentraram-se inicialmente em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, expandindo-se, posteriormente, para São Paulo, Minas Gerais e Goiás” (AMARAL; SANTOS, 2015, p. 56-57). Embora tenha enfrentado o preconceito e a discriminação por séculos, a capoeira é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Povo Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde 2008.

Durante a realização do Batizado de capoeira do grupo Nascente do Sol em Gongogi/BA, o grupo trouxe em suas apresentações o maculelê e a puxada de rede, diferentes manifestações culturais que se incorporam aos movimentos da capoeira. A capoeira se apresenta como uma forma simbólica maior, que agrega uma

¹³ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo fundador e presidente da Associação Recreativa de Capoeira Nascente do Sol, TitoRibeiro dos Santos Filho, em 18 de maio de 2020.

¹⁴ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo fundador e presidente da Associação Recreativa de Capoeira Nascente do Sol, TitoRibeiro dos Santos Filho, em 18 de maio de 2020.

diversidade de saberes das culturas negras e dos diferentes grupos que deram origem a cada uma dessas manifestações.

A *digital influencer* Beatriz Santana Moura, conhecida nas redes como Bia, apresentou seus primeiros trabalhos na *internet* em maio de 2018. Segundo MOURA (2020, informação verbal)¹⁵ “um dos principais temas que aborda atualmente é a maquiagem em peles negras, por que é muito difícil ainda na nossa sociedade ver esse tipo de tema no YouTube”. Além disso, “aborda também o empoderamento negro, dicas de cabelo e muito mais” (MOURA, 2020, informação verbal)¹⁶. No trabalho de Bia percebemos a convergência de duas categorias salutares para a produção do conhecimento afro-brasileiro: o ciberativismo e os saberes estético-corpóreos.

A partir da caracterização das redes sociais digitais como espaço de co-criação e participação ativa ou cultura do compartilhamento e da participação, Luzineide Miranda Borges e Mille Caroline Rodrigues Fernandes (2018) afirmam que atualmente saímos da era leitor para leitor/autor. Conforme as autoras, “O digital em rede parte do princípio de que as pessoas têm sempre o que contribuir, estão engajadas e fazem parte desse movimento não como expectador, mas como autores” (BORGES; FERNANDES, 2018, p. 76). Ainda de acordo com as autoras, essa geração que está nas escolas e nas redes sociais digitais é composta de pessoas que têm sua história de vida “linkada” pelas relações do seu cotidiano *on-line* e *off-line*, são estudantes que têm uma concepção cultural sobre gênero, raça, política, religiosidade, gerando variadas formas de interculturalidade comunicacional. Citando Muniz Sodré (2000), as autoras informam que

a interculturalidade comunicacional ressignificada a partir da multiplicidade das narrativas digitais, que são produzidas e compartilhadas em forma de sons, imagens e vídeos ressignifica as práticas de leitura e a forma como produzimos conhecimento na cibercultura. (BORGES; FERNANDES, 2018, p. 76)

Conforme as autoras, o crescimento da atuação de docentes, estudantes universitários e escolas da educação básica tem sido capaz de produzir

¹⁵ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira, pela digital influencer Beatriz Santana Moura, em 02 de julho de 2020.

¹⁶ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira, pela digital influencer Beatriz Santana Moura, em 02 de julho de 2020.

conhecimentos interreferenciados nas subjetividades raciais e culturais que formam as nossas comunidades existenciais nas chamadas periferias do mundo. O ciberativismo se traduz então em práticas de expressão de identidades, reivindicações, autoafirmações, organizações e interações na cibercultura. A cada dia, percebemos que a atuação das juventudes negras tem aumentado neste campo, com destaque para o protagonismo das mulheres ao expressar suas estéticas e corporeidades nas redes sociais digitais.

Os saberes estéticos/corpóreos produzidos pela população negra “dizem respeito não somente à estética da arte, mas à estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo” (GOMES, 2011, p. 50). Ainda de acordo com Gomes (2011), as racionalidades como formas de conhecer e de produção de pensamento produzem formas de saber e de ignorância. Gomes (2011) informa que, por um lado, a ignorância sobre a corporeidade negra construída no contexto colonial e imperial brasileiro persistiu no pós-abolição e perdura até hoje, por meio do racismo brasileiro e da desigualdade racial. Por outro lado, “no nível da comunidade negra, saberes sobre a estética negra ou afro-brasileira foram sendo construídos, aprendidos, ressignificados e socializados. Esses saberes estão presentes em toda a sociedade, mesmo que não sejam reconhecidos como tais” (GOMES, 2011, p. 50).

Ao relatar as atividades do projeto Além dos olhos negros, da ACAPEB, Moabe Souza (2020, informação verbal)¹⁷, informa: “a gente fez uma caminhada cultural, teve o Ubatambor, que é um grupo cultural de Ubatã, a maquiadora Beatriz Moura, que fez a maquiagem nas pessoas de pele negra, isso tudo nesse mesmo evento”. Em relação à participação das pessoas mais velhas, Moabe Souza (2020, informação verbal)¹⁸ diz que “Antes tinha o samba de roda, tipo seu Romeu, dona Isabel, essas pessoas participavam do projeto” e que ainda hoje “Tem também dona Léa, ela sempre abraça essa questão, inclusive ela foi uma das doadoras do arroz doce, que tava uma delícia”.

Seu Romeu, Dona Isabel, Mãe Léa, tantos e tantas outras personagens marcantes da história de Gongogi/BA são pessoas mais velhas e conhecidas por

¹⁷ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo atual diretor geral da Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa (ACAPEB), Moabe de Jesus Souza, em 20 de abril de 2020.

¹⁸ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo atual diretor geral da Associação Cultural e Beneficente Antônio Pereira Barbosa (ACAPEB), Moabe de Jesus Souza, em 20 de abril de 2020.

mobilizarem grupos, projetos, festas, eventos, que lidam com legados africanos. O Batizado de capoeira, por exemplo, foi marcado pela presença dos integrantes do Ilê Axé Orussalê, que promoveram o Caruru de Rua no mesmo evento, oportunidade em que pudemos ouvir e aprender com as palavras de Mãe Léa, um momento muito significativo para a construção do conhecimento afro-brasileiro em Gongogi/BA.

O Caruru de Rua é uma atividade realizada pelo Ilê Axé Orussalê, terreiro comandado por Leilda de Sousa Tamandaré, popularmente conhecida por Mãe Léa. O Caruru de Rua tem como objetivo festejar o Dia da Criança, levando caruru para as crianças e adultos em pontos distintos da cidade. No ano de 2019, a ação foi realizada em conjunto com o batizado de capoeira Nascente do Sol.

As memórias locais de Gongogi estão repletas de histórias de vida dos sujeitos mais velhos, os guardiões e guardiãs dos saberes que sustentam os movimentos das culturas negras no município. Os grupos de matrizes africanas, enquanto organizações sociais mais tradicionalmente articuladas pelos ancestrais africanos e seus descendentes, podem ser compreendidos como: candomblé, umbanda, capoeira, sambadoras e sambadores, rezadoras e rezadores, bumba-meu-boi etc. Esses grupos dão sustentabilidade aos movimentos mais recentemente articulados, que fomentam projetos diversificados, tais como: coletivos de música e dança afro, grupos de estudo e pesquisa, seminários, desfiles e outras formas de produções de conhecimentos.

Os projetos analisados podem ser interpretados “como um conjunto de ações de mobilização política, de protesto antirracista, de movimentos artísticos, literários e religiosos, de qualquer tempo, fundadas e promovidas pelos negros no Brasil como forma de libertação e de enfrentamento do racismo” (GOMES, 2012, p. 733). A autora destaca ainda que:

Entre elas encontram-se: entidades religiosas (como as comunidades- terreiro), assistenciais (como as confrarias coloniais), recreativas (como “clubes de negros”), artísticas (como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia), culturais (como os diversos “centros de pesquisa”) e políticas (como as diversas organizações do movimento negro e ONGs que visam à promoção da igualdade étnico- racial). (GOMES, 2012, p. 733-734).

Ainda de acordo com Gomes (2012, p. 735), “tais ações são consideradas como constituintes da experiência social. Por isso, não são vistas como um mero rol

de atividades, mas, sim, como conhecimentos e produtoras de conhecimentos”. Neste sentido, “o movimento negro, assim como outros movimentos sociais, ao agir social e politicamente, reconstrói identidades, traz indagações, ressignifica e politiza conceitos sobre si mesmo e sobre a realidade social” (GOMES, 2012, p. 735).

Nilma Lino Gomes (2017, p. 68) aponta também que os saberes expressos nos documentos que garantem a efetivação do conhecimento afro-brasileiro nas escolas “ainda não são devidamente considerados enquanto tais pelo campo do conhecimento e pela teoria educacional. Trata-se de uma disputa, principalmente, no campo dos currículos”. Assim, como nos colocar diante dos desafios de trabalhar ancestralidade e conhecimentos afro-brasileiros como produção de conhecimentos escolares?

O professor de História e Língua Estrangeira/Inglês, Manoelito Paiva Faneca, decano do CEJAP, com mais de trinta anos como professor efetivo da escola, afirma que,

Após a inserção dessas leis, as relações de abordagens à cultura afro-brasileira mudaram dentro do CEJAP, dando-se mais ênfase nos estudos e apresentações, voltadas com sentido valorativo, mas sem uma atuação efetiva inserida em projetos de impacto, englobando todas as disciplinas do universo do CEJAP. (FANECA, 2020, informação verbal)¹⁹.

Letícia Mota, já na terceira série do Ensino Médio no ano letivo de 2020, relembra algumas atividades que foram realizadas no Projeto CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi, em 2019, afirmando o seguinte:

Ano passado o colégio fez um ótimo projeto envolvendo a Capoeira (e outros temas, se não me engano) que é uma importante manifestação da cultura afro-brasileira. Seria ótimo mais projetos como esse, para nossa visão da influência afro em nossa cultura. Seria ótimo projetos que envolvessem entrevistas de moradores, pesquisas que mostrassem o quanto a nossa cultura é influenciada pela cultura africana, na religião, música, culinária etc. (MOTA, 2020, informação verbal)²⁰.

Conforme Letícia Mota, o conhecimento afro-brasileiro passa pelo reconhecimento dos saberes locais, o que inclui a parceria entre a escola e os

¹⁹ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo professor Manoelito Paiva Faneca, no dia 30 de maio de 2020.

²⁰ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira por Letícia Mota, estudante do 3º ano do Ensino Médio do CEJAP no ano letivo de 2020 e uma das mobilizadoras do grêmio estudantil no CEJAP, em 17 de maio de 2020.

mobilizadores desses conhecimentos na comunidade. Do mesmo modo, a *digital influencer* Bia, ao relatar a sua participação no Projeto CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi, afirma:

Eu realizei um sonho. Há muito tempo eu tava com projeto na mente de fazer um movimento negro e foi Além dos olhos negros, que foi na ACAPEB, foi muito emocionante e foi uma experiência incrível. Todas as vezes que eu paro e penso no que a gente fez meus olhos enchem de lágrima, que foi realmente uma coisa perfeita, maravilhosa. E no CEJAP foi a minha primeira palestra, onde eu pude contar o que me tornou ser a maquiadora que eu sou hoje, contar minha história, contar o que me motiva e foi uma experiência também incrível. (MOURA, 2020, informação verbal)²¹.

Chamando atenção para a importância da atuação da juventude nos processos educativos, sociais e políticos, Costa (2001) preconiza que o protagonismo juvenil é forjado por meio de um trabalho de cooperação, “no qual os adolescentes assessorados por seus educadores, vão atuar na construção e implementação de soluções para problemas reais com os quais se deparam no dia a dia de suas escolas, de suas comunidades ou da sociedade de que são parte” (COSTA, 2001, p. 19). Ainda de acordo com o autor,

Esses jovens têm uma possibilidade muito grande de, a médio e longo prazo, tornarem-se líderes de processos de mudança em seus respectivos âmbitos de atuação, contribuindo para que nosso país possa romper com as velhas culturas impeditivas de emancipação econômica, da promoção social e da libertação cultural de grande parte do nosso povo, que, neste início de um novo milênio, se encontra ainda imerso numa realidade marcada pela pobreza, ignorância e brutalidade. (COSTA, 2001, p. 102).

O Projeto CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi se coloca como importante marco no desafio de promover a produção de conhecimentos afro-brasileiros como produção de conhecimentos escolares. Ao reunir sujeitos de saberes e práticas de legados africanos, a escola assume um papel multirreferencial²² no intercâmbio desses conhecimentos e um compromisso com a

²¹ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pela *digital influencer* e *youtuber* Beatriz Santana Moura, em 02 de julho de 2020.

²² A multirreferencialidade é um campo de caráter complexo, “que se constrói a partir de diferentes sistemas de referência, dentre eles o filosófico, o científico – incluindo aqui sua configuração inter/transdisciplinar – o mí(s)tico, o religioso, o político, o estético, o ético...” (FRÓES BURNHAM, 2012, p. 66). Sobre Análise cognitiva, multirreferencialidade e difusão do conhecimento, ver: Fróes Burnham; et al. (2012).

educação antirracista²³. No entanto, esses conhecimentos ainda não são tomados nas ações da escola para elaboração de projetos permanentes que subsidiem a produção do conhecimento afro-brasileiro. Conforme os professores entrevistados, a escola ainda não conseguiu efetivar um trabalho com propostas contínuas, seja por área do conhecimento ou por componente curricular.

O professor de Química, Mardson Vasconcelos Maciel, que também é egresso do CEJAP, relata que durante sua vida acadêmica não se recorda de ter estudado temas referentes às culturas negras na escola ou temas contemporâneos que abordam a história das populações afro-brasileiras.

Eu só tive contato com esses temas ligados à negritude quando já estava na faculdade, na UESB. Quanto ao trabalho com temas afro-brasileiros, ainda temos muitas dificuldades para realizar, principalmente na área de Exatas, onde ainda é muito rara a produção de material para orientar as escolas como planejar as ações voltadas para os componentes dessa área. (MACIEL, 2020, informação verbal)²⁴.

A professora de Língua Portuguesa, Mara Regina Santos Travieso, relata que na sua percepção

A produção do conhecimento afro-brasileiro deve partir da realidade do CEJAP, com uma participação efetiva de toda comunidade escolar. É importante compreendamos que o conhecimento perpassa por todos os caminhos e pilares à nossa volta: família, sociedade, escola. Pode ser comparado a uma blusa de tricô, se tecermos um ponto errado, a blusa fica perdida. (TRAVIESO, 2020, informação verbal)²⁵.

Ainda a discorrer sobre o tema, a professora Mara Regina Santos Travieso afirma: “acredito que é primordial a participação da comunidade na escola, temos muito a produzir juntos, aprender com os mais velhos e com a juventude do nosso município, que vem desenvolvendo boas práticas na área” (TRAVIESO, 2020, informação verbal).

²³ A publicação do livro *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03* traz um conjunto de textos que ajudou a consolidar o caminho para a construção de uma luta antirracista sólida no interior do Estado e na sociedade brasileira. Essa obra teve como foco contribuir para “eliminar o foco eurocêntrico da educação brasileira, diversificando cultural, racial, social e politicamente os currículos escolares brasileiros” BRASIL (2005, p. 9).

²⁴ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo professor Mardson Vasconcelos Maciel, no dia 30 de maio de 2020.

²⁵ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo professor Mara Regina Santos Travieso, no dia 30 de maio de 2020.

De acordo com o professor Manoelito Paiva Faneca,

O CEJAP não mantém parcerias permanentes com grupos que valorizam e atuam com o legado africano e afro-brasileiro. Já houve projetos em parceria com a ACAPEB, que produziu resultados bastante positivos, onde os agentes envolvidos atuaram de maneira expressiva e orgulhosa. (FANECA, 2020, informação verbal)²⁶.

Embora haja reconhecimento por parte da escola sobre o protagonismo desses mobilizadores de culturas negras no município de Gongogi/BA, os trabalhos realizados pela escola são pontuais e ainda não trazem objetivos e ações permanentes na proposta pedagógica da escola. Não se trata, portanto, apenas de estabelecer parcerias com grupos e pessoas da comunidade, de modo que esses sujeitos estejam presentes nos eventos da escola ou que somente apresentem suas experiências, trajetórias e saberes.

De acordo com Lopes (1999), o conhecimento escolar se constitui a partir de sua relação com os saberes científico e cotidiano, levando em consideração que a maneira como essa relação ocorre, “interfere diretamente na forma de compreendermos o conhecimento escolar” (LOPES, 1999, p. 226). Baseado em Maria José Rodrigo e José Arney (1998) e Alice Ribeiro Casimiro Lopes (1999), Jeferson Ildfonso da Silva (2008) argumenta que o “conhecimento escolar tem um significado próprio, exigindo uma revisão da leitura que o identifica imediatamente com o conhecimento científico e postulando, ao mesmo tempo, ir além do conhecimento cotidiano” (SILVA, 2008, p. 23).

A escola tem um papel próprio na produção do conhecimento e deve ir além do conhecimento cotidiano, definindo metodologias e estratégias para a elaboração de estudos nos vários contextos em que se apresentam esses saberes. O professor Manoelito Paiva Faneca apresenta, neste sentido, algumas sugestões, tendo em vista a produção de conhecimentos afro-brasileiros na escola:

Começando com objetivos inseridos no Projeto Pedagógico, direcionados para este contexto, tanto disciplinares como interdisciplinares e fazendo parerias com representantes da militância da cultura afro-brasileira, para a execução de um trabalho representativo com destaque não só no CEJAP, mas em toda comunidade. E assim informar, valorizar e formar consciência voltada

²⁶ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo professor Manoelito Paiva Faneca, no dia 30 de maio de 2020.

para esta cultura, que, afinal de contas, é de todos nós. (FANECA, 2020, informação verbal)²⁷.

Entre as principais dificuldades apresentadas neste trabalho, podemos destacar as seguintes: mesmo os sujeitos sendo estudantes e egressos, a escola ainda não consegue fazer trabalhos efetivos de parceria com grupos e movimentos da comunidade; mesmo os professores estando abertos a trabalhar temas da educação e culturas negras, existe enorme distância na prática de ensino entre os conteúdos obrigatórios dos componentes curriculares e os temas propostos na Educação das Relações Étnico-Raciais, especialmente nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática; falta de intercâmbio da escola com núcleos, programas e projetos universitários que possam subsidiar as ações da escola, tanto no sentido de formação de professores quanto no sentido de participação de professores, estudantes e egressos nos eventos realizados pelas universidades.

Nesta pesquisa não foi possível analisar as atividades desenvolvidas pelos professores no Projeto CEJAP: patrimônio histórico-cultural de Gongogi. No entanto, este dado se não apresenta como uma lacuna, mas como desafio para novas proposições de pesquisas com objetivos voltados para a análise e produção de conhecimentos afro-brasileiros na escola, com foco nos estudos de ancestralidades, realções étnicas e culturas locais.

Diante das questões analisadas, sugerimos alguns objetivos e estratégias que podem ser aprofundados pela escola: valorização das trajetórias e saberes construídos pelos mobilizadores de culturas negras em seus diversos campos de interações, destacando os conteúdos que poderão ser trabalhados em cada projeto ou unidade; identificação de saberes expressos nos fazeres desses sujeitos e movimentos; mapeamento de ideias, sugestões e projetos de estudantes sobre suas identidades étnicas; elaboração de projetos disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, partindo de histórias, culturas e realidades locais; intercâmbio com universidades, programas, cursos, projetos e eventos que possibilitem o fortalecimento de práticas de ensino voltadas para a educação pela pesquisa no campo da ancestralidade e da produção de conhecimentos afro-brasileiros.

²⁷ Informação concedida a Eudes Batista Siqueira pelo professor Manoelito Paiva Faneca, no dia 30 de maio de 2020.

Considerações finais

Após a promulgação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, constatamos uma série de eventos e atividades realizadas pelas escolas no campo do conhecimento afro-brasileiro, principalmente em comemoração ao Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Porém, os sistemas educacionais brasileiros ainda encontram entraves estruturais para a produção de conhecimentos afro-brasileiros, já que esse trabalho mais sistematizado depende de mudanças radicais na própria forma de fazer educação: da estante reprodução para a constante coprodução do conhecimento.

O intercâmbio entre escola, grupos locais e universidades demanda um arcabouço de possibilidades na produção de conhecimentos afro-brasileiros como produção de conhecimento escolar, através da efetivação de práticas como a pesquisa orientada, a elaboração de materiais didáticos, a publicidade, a divulgação e o compartilhamento de resultados alcançados em cada projeto, que podem ser produzidos de amplas maneiras: vídeos, autobiografias, documentários, portfólios, análise de imagens, letras de músicas, obras literárias, oficinas, minicursos, seminários, dentre outros.

Artigo recebido em 27 de janeiro de 2023.

Aprovado para publicação em 14 de abril de 2023.

Referências

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira de; SANTOS, Valdenor Silva dos. Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação cidadania. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 54-73, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n62/2316-901X-rieb-62-00054.pdf>. Acesso em: nov. 2020.

BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **Chamada pública nº 01/2019 para realização de feiras escolares**. Disponível: <http://escolas.educacao.ba.gov.br/sites/default/files/private/midiateca/documentos/2019/chamada-publica.pdf>. Acesso

em: dez. 2019.

BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **Jornada Pedagógica 2015: Síntese dos Projetos Estruturantes**. Disponível em: <http://www.educacao.ba.gov.br/system/files/private/midiateca/documentos/2015/sinte-se-dos-projetos-estruturantes.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **Transformaê**. Disponível em: <http://escolas.educacao.ba.gov.br/transformae> Acesso em: dez. 2019.

BORGES, Luzineide Miranda; FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues. Cyberativismo e Educação o conceito de raça e racismo na cibercultura. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 207, agosto/2018 – mensal – ANO XVIII.

BRASIL. **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. Brasília:Ministério da Educação/SECAD, 2005.

BUNGE, Mário. **Epistemologia**. São Paulo: Quieroz Editor, 1980.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **O protagonismo juvenil passo a passo: um guia para o educador**. Belo Horizonte: Universidade, 2001. p. 18.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.

FANECA, Manoelito Paiva. [Entrevista cedida a] Eudes Batista Siqueira. Gongogi, 30 maio 2020. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

FILHO, Tito Ribeiro dos Santos. [Entrevista cedida a] Eudes Batista Siqueira. Gongogi, 18 maio 2020. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Abordagens em epistemologia: Bachelard, Morin e a epistemologia da complexidade. **Transformação**, Campinas, 17(2): p. 101-102, maio/ago., 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tinf/v17n2/01.pdf>. Acesso em: maio 2020.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Epistemologia da Ciência da Informação: evolução da pesquisa e suas bases referenciais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.23, n.3, p.89-103, jul./out. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v23n3/1413-9936-pci-23-03-00089.pdf>. Acesso em: maio 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FRÓES BURNHAM, Teresinha; et al. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2012. 476 p.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: ago. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n. 2, p.37-60, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 154 p.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.15, set/out/nov/dez, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a09.pdf>. Acesso: nov. 2020.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1986.

JAPIASSU, Hilton. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MACIEL, Mardson Vasconcelos. [Entrevista cedida a] Eudes Batista Siqueira. Gongogi, 30 maio 2020. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em Política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, Língua e Identidade**, n.14, p.287-324, 2008.

MOTA, Letícia. [Entrevista cedida a] Eudes Batista Siqueira. Gongogi, 17 maio 2020. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

MOURA, Beatriz Santana. [Entrevista cedida a] Eudes Batista Siqueira. Gongogi, 18 jul. 2020. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.

SANTANA, Marise de. **Antropologia Afro-Brasileira: Proposta Didática para Educação das Relações Étnicas**. 2013. 187 f. Relatório Científico de Estágio (Pós-Doc) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2013.

SANTANA, Marise de; et al. **Odeere: Formação docente, linguagens visuais e legado africanono sudoeste baiano**. Vitória da conquista: Edições UESB, 2014.

SILVA, Cristina Souza da. [Entrevista cedida a] Eudes Batista Siqueira. Gongogi, 13 abr. 2020. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

SILVA, Jefferson Ildelfonso da. Aprendizagem e conhecimento escolar: a interface pesquisa e docência. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 22, n. 43, p. 11-32, jan./jun. 2008.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>. Acesso em: nov. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <http://identidadesculturais.wordpress.com/>. Acesso em: jun. 2014.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. São Paulo: DP&A, 2005.

SOUZA JUNIOR, Vilson Caetano de. **Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SOUZA, José Jorge de Souza. [Entrevista cedida a] Eudes Batista Siqueira. Gongogi, 12 abr. 2020. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

SOUZA, Moabe de Jesus. [Entrevista cedida a] Eudes Batista Siqueira. Gongogi, 20 abr. 2020. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

TESSER, Gelson João. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar**, Curitiba, Editora da UFPR, n.10, p. 91-98, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n10/n10a12.pdf>. Acesso: maio 2020.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1995.

TRAVIESO, Mara Regina Santos. [Entrevista cedida a] Eudes Batista Siqueira. Gongogi, 30 maio 2020. Entrevista concedida para fins de pesquisa.

Sobre a autoria

¹ Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (2016) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor da rede municipal de Educação SEC/Gongogi-BA; Coordenador pedagógico da rede estadual de Educação SEC/Bahia; Coordenador da APLB- Sindicato/núcleo de Gongogi-BA. E-mail: eudes-oke@hotmail.com.

² Doutorado em História (2019) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Uruçuca. E-mail: carlos.noronha@ifbaiano.edu.br.

³ Pós-doutorado em Antropologia (2011) pela Universidade Estadual de Campinas. Doutorado em Ciências Sociais (2004) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié; E-mail: nabaia1960@gmail.com.